

## **O USO DE FILMES EM FORMATO DVD NO APRENDIZADO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

*Maurício Moreira Cardoso* (UECE)  
[mmcardoso@gmail.com](mailto:mmcardoso@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir e mostrar as vantagens do uso de filmes em formato DVD como fonte de aprendizado de uma segunda língua. As bases teóricas usadas para dar suporte à discussão são, entre outras, Allan Paivio (1971), John L. Santa (1977) e Thomas S. Hyde e James J. Jenkins (1973). Como conclusão, pode-se afirmar que os filmes em DVD são uma fonte rica para elaboração de materiais que possibilitem o aprendizado de uma segunda língua.

#### **Palavra-chave:**

**Aprendizado de segunda língua. Filmes. Trabalho cognitivo.**

### ***1. Introdução***

É notório o fato de que os preços de materiais didáticos, no mais das vezes importados, destinados ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira, são proibitivos para a maior parte da população, por exemplo, brasileira. Neste sentido, o uso de materiais didáticos alternativos, que apresentem baixo custo, pode viabilizar o acesso ao aprendizado de uma língua estrangeira, já que a qualificação profissional em dias globalizados impõe o domínio de pelo menos uma língua estrangeira para quem pleiteia uma vaga no mercado de trabalho. O presente trabalho pretende apresentar as vantagens relativas ao o uso de

filmes em formato DVD como meio de facilitar o aprendizado no referido campo. Nos parágrafos seguintes, procuraremos esboçar o *modus operandi* relativo à utilização de filmes em formato DVD, considerando: a) as razões econômico-sociais; b) fatores motivacionais, c) a abrangência cognitiva que esse tipo de material pode propiciar; c) as implicações psicopedagógicas; e d) o papel do professor-facilitador no aprendizado.

## **2. O uso da tecnologia digital**

Consideramos relevante dizer que o desenvolvimento tecnológico tem não só ajudado a resolver problemas de alta complexidade, mas também aproximado diferentes povos e culturas, dada a uniformidade que as máquinas impõem tanto para o seu uso como para as possibilidades de aplicação delas. Aqui, um aspecto importante a ser considerado é o uso de *softwares*, cuja aplicação se dá nas mais diversas áreas da atuação humana. Em nossos dias, existem programas desenvolvidos tanto para propiciar lazer, quanto para a execução de trabalhos consideravelmente complexos para a mente humana. Neste sentido, podemos dizer que junto com o processo de globalização econômica que já conhecemos, existe outro processo de globalização que se dá pelo uso da tecnologia, que é muito semelhante em todo mundo. Em consequência disto, os *softwares* desenvolvidos em qualquer parte do Planeta podem ser utilizados por qualquer usuário em qualquer país do mundo, pois as interfaces dos programas são sempre muito semelhantes.

No caso do uso de softwares, por exemplo, podemos dizer que esse processo a que nos referimos acima é bastante eficiente, pois encontramos programas de computador que são usados em praticamente todos os países do mundo, como é o caso do sistema operacional *Windows*. A esse propósito, existem programas de computador destinados ao uso dos profissi-

onais da linguagem que são disponibilizados para *download*, alguns gratuitos, na Rede Mundial de Computadores.

No tratamento dos filmes em formato DVD, temos a nossa disposição uma gama de programas cuja importância dispensa comentários. Neste sentido, conforme destacamos acima, existem programas que nos possibilitam manipular cada aspecto do referido formato digital como o áudio, o texto, a imagem.

### **3. Característica do formato DVD**

DVD significa *Digital Video Disc* (disco de vídeo digital). Embora comumente associado a arquivos de vídeo, o formato DVD pode armazenar dados com características de som e imagem, ou quaisquer outras informações traduzidas para a linguagem de máquina. Os filmes em DVD trazem informações visuais, auditivas e escritas que podem ser tratadas separadamente. Assim, um filme em formato DVD pode trazer as interações verbais em diferentes idiomas, bem como o correspondente texto escrito (*subtitle*), também em diferentes idiomas. Essa possibilidade torna os filmes em formato DVD ricas fontes de estudos, sobretudo se a intenção é estudar o idioma original em que o filme foi criado. No caso dos países de língua portuguesa, os filmes estrangeiros destinados a esses países trazem comumente tanto o áudio como a legenda no idioma de destino, além do idioma original em que esses dois componentes foram gerados. Assim, pode-se escolher, por exemplo, o áudio no idioma original com a legenda no idioma de destino, ou vice-versa, sem mencionar a possibilidade da utilização de ambos em um dos idiomas escolhidos, ou até escolher a opção de unicamente utilizar o áudio no idioma preferido.

#### **4. A escolha de filmes como material de estudo**

Além do formato no qual os filmes chegam a nossas mãos, existem outras razões pelas quais recomendamos o uso de filmes como material de estudo, pois representam ricas fontes de aprendizagem, particularmente no tocante à aprendizagem de uma língua estrangeira. Importante é ressaltar que quando usamos o termo *filme*, o estamos fazendo no sentido do cinema, da indústria cinematográfica. Portanto o filme a que nos referimos é aquele que roda nas salas de cinema de centros comerciais e, em nossos dias, são disponibilizados no formato DVD para uso privado. A seguir, enumeraremos as razões pelas quais consideramos prodente o uso de filmes para a aprendizagem de uma língua estrangeira.

##### **4.1. O filme como receptáculo da obra literária**

Os filmes a que temos acesso, oriundos da indústria cinematográfica, são no mais das vezes resultados da criação de roteiristas ou da adaptação de uma obra literária: romance, novela, conto. Por apresentar essas características, os filmes contam histórias, sejam nos moldes tradicionais ou modernos, da criação literária, que apresentam princípio meio e fim. São criações humanas destinadas, sobretudo, ao entretenimento de pessoas que pagam para assistir a eles. A fim de cumprir com esse objetivo, os filmes têm que se apresentar atraentes aos olhos e ouvidos dos consumidores, prendendo a atenção deles, à semelhança da obra literária. Quer dizer, o filme prende a atenção do expectador não só por motivos áudios-visuais, mas também por apresentar componentes oriundos da obra literária (como trama, estrutura narrativa, coerência de personagens). Assim, os filmes contam histórias que fazem emergir a identificação do expectador tanto por ampliar sua percepção do seu entorno, quanto por figurar situações de vida com as quais o expectador se identifica. A nosso ver o conceito de Thomas

Clark Pollock (1965, p. 96) apresenta pontos que aproximam ambos: “Literatura pode ser definida como o enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor uma experiência controlada”. Ora, o cinema também faz isso, utilizando-se, é claro, de instrumentos que ultrapassam o texto escrito, pois dispõe de sons e imagens que semiotizam de forma diferente os recursos aplicados no texto escrito. Mas esse não é o espaço destinado a essa discussão. Nosso objetivo aqui é apenas mostrar a referida proximidade no sentido daquilo que captura a mente do expectador em relação ao cinema.

O cinema, conforme dissemos, conta histórias que são traduzidas em termos de componentes visuais, sonoros e verbais (que são as falas e os diálogos entre os personagens). Essa multiplicidade de componentes, queremos crer, chega à mente do expectador de forma bem diferente da história contada somente com os recursos da escrita. O texto literário, estamos fortemente inclinados a pensar, exige do leitor uma elaboração que se dá de forma ainda mais consciente da elaboração que se dá quando a linguagem é cinematográfica. Quer dizer, a linguagem cinematográfica exige menor empenho cognitivo por parte do expectador, uma vez que a tarefa laborativa dos componentes imagéticos e sonoros já é dada gratuitamente através da linguagem cinematográfica. No texto literário o leitor é obrigado ou levado a reconstruir por esforço próprio esses componentes através de recursos descritivos que se dão no texto escrito. Então vejamos que implicações essas características do filme podem ter para o seu uso no aprendizado.

#### **4.2.O trabalho cognitivo sobre os filmes**

Allan Paivio (1971), psicólogo cognitivo, formulou a *teoria do código duplo*, de acordo com a qual existem representações separadas para informações verbais e visuais. Essa teoria se sustenta em evidências oriundas de pesquisas que

mostraram que a memória é qualitativamente melhor se a codificarmos verbal e visualmente. Quer dizer, a memória para o material verbal é muito melhorada se pudermos desenvolver imagens visuais correspondentes ao material. Assim, ao lermos a frase "O homem de capa vermelha atravessou a rua", lembraremos dela melhor se formosmos uma imagem correspondente a essa frase.

Além do mais, psicólogos cognitivos sustentam que há diferenças entre as representações verbais e visuais. A experiência de John L. Santa (1977) dá suporte a essa afirmação, tornando claro que as informações verbais e visuais são processadas por diferentes partes do cérebro, de diferentes maneiras, o que nos leva a crer que no cérebro há diferentes formas de estocar tais processamentos. O fato de os filmes possuírem as características de abrigar elementos imagéticos, sonoros e literários proporciona toda uma gama de possibilidades com as quais é possível trabalhar no contexto educativo.

Diante de tantas possibilidades de aprendizado, tornar-se necessário estabelecer uma meta sobre o que é mais importante e urgente a ser trabalhado como conteúdo a ser apreendido. A esse propósito, considero ser um dos pontos nevrálgicos na aprendizagem de uma língua estrangeira a aquisição de vocabulário, o domínio da habilidade auditiva, e a capacidade de pensar na língua estrangeira a ser assimilada. O agente mais habilitado a fazer esse recorte é o professor de línguas, uma vez que este pode tanto avaliar as necessidades dos alunos quanto criar estratégias pedagógico-cognitivas para proporcionar a aprendizagem da habilidade eleita como prioridade. No entanto, com base em pressupostos da psicologia cognitiva, cremos ser produtivo trabalhar mais de uma habilidade, visto que o processamento mais elaborado resultará em melhor memória, ainda que esse processamento não seja focalizado no significado do material (FRASE, 1975; AUSUBEL, 1968; ROTHKOPF, 1966). A esse propósito, deve-se considerar o

fato de que, conforme o experimento de Thomas L Hyde e James J. Jenkins (1973), não importa se uma pessoa deseja ou não aprender. O que importa de fato é como a pessoa processa o material durante a apresentação deste. Então é o nível de processamento, e não o desejo de aprender, que determina o montante que se memoriza.

Para finalizar as considerações sobre o filme como ponto de partida para a elaboração de material didático convém ainda mencionar duas descobertas da psicologia cognitiva. A primeira delas diz respeito ao fato de que as pessoas apresentam melhor memória se os contextos externos e suas condições internas se ajustam no estudo e no teste. Os pesquisadores Steven M. Smith; Arthur Glenberg; Robert A. Bjork (1978) realizaram um experimento que mostrou a importância do contexto físico, enquanto uma pesquisa empreendida por Gordon H. Bower, Kenneth P. Monteiro e Stephen G. Gilligan (1978) mostrou que o contexto emocional pode ter o mesmo papel que o contexto físico. Assim, como a obra cinematográfica procura capturar a atenção do espectador através do processo de identificação, é possível inferir que o estudante terá fartos motivos para a elaboração na proporção direta desse processo de identificação. No caso de filmes estrangeiros, somos levados a pensar que o contexto emocional (através de conflitos emocionais internos) terá um papel mais relevante que o contexto físico, uma vez que o tempo e o espaço em que a história se dá são, no mais das vezes, estranhos ao espectador. A segunda descoberta diz respeito ao fato de que os sujeitos apresentam melhor memória para palavras se estas forem testadas no mesmo contexto em que foram estudadas. Endel Turving e Donald M. Thompson (1973) fizeram uma série de experimentos que ilustra essa informação. Ora, os filmes abordam, sem importar o gênero, situações da vida cotidiana das pessoas que são do âmbito do universal. Assim, os conflitos de ordem emocional que envolvem o amor conjugal, o desejo de realização e a busca da felicidade estão em todos os povos. Essas ce-

nas de repetem na vida cotidiana das pessoas, muitas vezes com características discursivas muito semelhantes. Filmes que abordam esses conflitos trazem roteiros cujos vocabulários são do uso cotidiano das pessoas em qualquer parte do mundo. Neste sentido, somos inclinados a pensar que haverá uma facilidade de guardar o vocabulário usado nos referidos contextos, uma vez que o estudante, mais cedo ou mais tarde, irá usá-lo nas oportunidades de interação social reais que terá pela frente como falante da língua estrangeira em questão. Feitas as considerações sobre as vantagens do uso de filmes como meio de aprendizagem de uma segunda língua, procuraremos responder às questões relativas ao *o que* e *como* trabalhar sobre os filmes.

A primeira ação a ser feita é a escolha do filme a ser trabalhado. O professor-facilitador deverá fazer uma análise do gênero, da adequação ao público alvo, do vocabulário utilizado no roteiro e da qualidade do filme a ser utilizado. Quanto a esse último componente, o professor poderá usar de seus conhecimentos de análise literária e cinematográfica para essa avaliação, ou utilizar-se de avaliações de críticos da área. Obviamente, pressupõe-se que o professor tenha a formação necessária que o possibilite a fazer essa avaliação prévia.

No tocante ao vocabulário, pode-se dizer que os roteiristas, em geral, têm a preocupação de criar seus roteiros o mais adequado possível à realidade que pretendem retratar. Assim, o professor poderá observar o gênero (drama, ficção científica, suspense) e o vocabulário estará automaticamente selecionado. Porém, caso queira certificar-se da apropriação do vocabulário com o qual deseja trabalhar, poderá fazer uso das ferramentas da linguística de *corpus*, como o software *WordSmith Tools*, por exemplo, fazendo uma análise do vocabulário a ser utilizado e comparando-o com um *corpus* coletado do país de origem do filme. Essa técnica lhe dará segurança das características do vocabulário a ser utilizado.

Porém, para tanto, o professor deverá estar com o roteiro em mãos. Em geral, os roteiros dos filmes são disponibilizados na internet em sítios destinados a isso, como, por exemplo, <http://www.movie-page.com/main.htm>. Caso não encontre o roteiro desejado, será necessária a extração da legenda do filme, o que pode ser feito através do software *SubRip*, que é um *freeware*, podendo ser encontrado para download em <http://baixaki.ig.com.br/download/SubRip.htm>. Esse software é de fácil uso, com uma interface bastante intuitiva. Feita a extração da legenda, esta poderá ser salva em formato *\*\*.txt* para posterior impressão. Feito esse trabalho preliminar, o professor poderá passar para a aplicação em sala de aula.

Dependendo do objetivo do professor, a aplicação pode variar. Se o objetivo é desenvolver a habilidade de compreensão oral e a apreensão do vocabulário utilizado no filme, pode-se utilizar o modelo que segue: 1) assistir ao filme com o áudio em português e legenda em inglês; 2) estudo e compreensão da legenda, a fim de compreender o vocabulário; 3) assistir o filme com o áudio e legenda em inglês, a fim de checar o quanto do vocabulário foi entendido e estocado na memória; 4) assistir o filme com o áudio em Inglês, sem a legenda.

As etapas descritas demandam um lapso de tempo considerável e caberá ao professor avaliar o progresso dos alunos, tanto periodicamente quanto no final do curso. Por razões cognitivas, expostas em parágrafos anteriores, é produtora utilizar mais de um propósito, como a aquisição do vocabulário e domínio da habilidade de compreensão oral, por exemplo. No entanto, o professor pode resolver trabalhar a aquisição das quatro habilidades: compreensão oral e leitora, expressão oral e escrita. Para tanto, como é esperado, deverá criar estratégias que contemplem a aquisição de todas essas habilidades. No entanto queremos nos deter em torno dos seguintes objetivos: aquisição do vocabulário, domínio da capacidade de

compreensão oral. Então, vejamos mais detidamente as etapas enumeradas de 1 a 4.

A primeira etapa visa fazer com que o aluno tome conhecimento do filme. Aqui o uso do áudio em português com a legenda em inglês objetiva fazer com que o aluno perceba e avalie a necessidade de trabalho cognitivo sobre o vocabulário, ao mesmo tempo que ele toma ciência do filme enquanto história e desenrolar de conflitos humanos, que de algum modo têm a ver com a sua vida pessoal ou com a vida de alguém do seu círculo de interações sociais. Nesse plano, o aluno começa a formar significados em sua mente dos quais deverá utilizar-se para fazer a transposição para o idioma em que o filme foi gravado – o inglês, por exemplo. Aqui há também um componente motivador. Se o filme fosse visto já com áudio e legenda no idioma original, poderia desestimulá-lo a prosseguir, pois a primeira etapa visa prendê-lo emocionalmente à história, ao mesmo tempo que esboça o trabalho cognitivo a ser realizado nas etapas posteriores.

A segunda etapa – estudo e compreensão da legenda, a fim de compreender o vocabulário – é o momento destinado ao estudo textual propriamente dito. Se a legenda vier no interior de um roteiro, da forma mais conhecida, uma segunda atividade, concomitante à segunda etapa, tem lugar, que é a reconstituição do filme na mente do aluno no momento em que a legenda é estudada. Caso o texto seja constituído unicamente da legenda, essa reconstituição exigirá maior esforço do aluno. Na segunda etapa, é importante que o professor percorra junto com o aluno todo o vocabulário e que elabore atividades, considerando as bases cognitivas expostas, que visem à apreensão do vocabulário. No tocante a essa fase, quero crer que o uso do roteiro, em vez da legenda isolada, será mais produtora, por razões cognitivas. O roteiro tem as feições de um texto mais completo, pois busca recuperar o contexto da história, o que

não acontece com a legenda escrita, destituída dessa função contextualizante.

Embora o objetivo eleito seja a melhora da compreensão oral e aquisição de vocabulário, pode-se perceber que outras habilidades são indiretamente trabalhadas, como a habilidade de compreensão leitora, por exemplo. É interessante perceber que, quando se trata do domínio da linguagem humana, não se pode isolar completamente uma habilidade, a fim de cultivá-la, sem que outras habilidades, embora indiretamente, sejam trabalhadas. Assim, por exemplo, é possível inferir que a expressão oral também possa ser estimulada, pois toda compreensão oral pressupõe a atividade de pensar no idioma em que tentamos configurar significações.

##### **5. Considerações finais**

Pelo exposto acima, podemos tecer algumas considerações que consideremos relevantes. A primeira é que qualquer estudante pode se beneficiar do uso de filmes em formato DVD, mesmo aqueles que frequentam cursos regulares de idiomas, pois, no que diz respeito à necessidade de exposição ao contato com a língua que deseja aprender, fora do contexto cultural dela, qualquer oportunidade de praticar é sempre bem-vinda.

O professor-facilitador deve exercer um papel importante no uso de filmes em formato DVD como recurso de aprendizagem de uma segunda língua, como conhecedor que deve ser dos princípios necessários, tanto à aprendizagem em si mesma, quanto à aprendizagem de uma segunda língua. Assim, cabe a ele selecionar material, elaborar atividades pertinentes a estimulantes de um alto rendimento por parte do aluno.

Os filmes em formato DVD são rica fonte de recursos para a aprendizagem de uma segunda língua, pois trazem de

modo integrado todos os elementos pertencentes a situações reais de comunicação, pois resultam do trabalho de profissionais especializados em fazer com que as trocas comunicativas, bem como o contexto, as informações visuais e auditivas, sejam tão próximas do real quanto possível. Essa compreensão permite dizer que os filmes, como recurso de aprendizagem, mobilizam o estudante em sua integridade, cobrindo aspectos emocionais, perceptivos e cognitivos, por exemplo.

Por fim, deve-se destacar que dependendo da habilidade do professor-facilitador no sentido de ser capaz de elaborar materiais didáticos, os filmes favorecem a criação de materiais didáticos de baixo custo, visto que não terão de ser importados de países do primeiro mundo, cujos custos materiais e de valor agregado são proibitivos para estudantes de países periféricos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph Donald, HANESIAN, Helen. *Educational Psychology: A Cognitive View*. 2. ed. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.

BOWER, Gordon H.; MONTEIRO, Kenneth P.; GILLIGAN, Stephen G. Emotional mood as a context for learning and recall. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 17, p. 573-585, 1978.

FRASE, Lawrence T. Prose processing. In: BOWER, Gordon H. (Ed.). *Psychology of learning and motivation*, vol. 9. New York: Academic Press, 1975.

HYDE, Thomas S.; JENKINS, James J. Recall for words as a function of semantic, graphic, and syntactic orienting tasks. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 12, p. 471-480, 1973.

PAIVIO, Allan. *Imagery and verbal processes*. New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1971.

POLLOCK, Thomas Clark. *The Nature of Literature*. New York: Gordian Press, 1965.

ROTHKOPF, Ernest Z. *Learning from written instruction materials: An exploration of the control of inspectional behaviors by test-like events*, 1966.

SANTA, John L. Spatial transformations of words and pictures. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, n. 3, p. 418-427, 1977.

SMITH, Steven M.; GLENBERG, Arthur M.; BJORK, Robert A. Environmental context and human memory. *Memory & Cognition*, n. 6, p. 342-353, 1978. Disponível em: <http://people.tamu.edu/~stevesmith/SmithMemory/SmithGlenbergBjork1978.pdf>.

TURVING, Endel; THOMPSON, Donald M. Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review*, n. 80, p. 352-373, 1973.